

20

anos

de Reconhecimento | 1997 – 2017

Língua Gestual Portuguesa



17

novembro

2017

Seminário

Uma Conquista GESTUAL

Notas Curriculares e Sinopses

Sucesso Escolar e Profissional dos Surdos - Condições básicas essenciais

Preletor: José Afonso Baptista | Universidade Católica Portuguesa

Nota Curricular

José Afonso Baptista é licenciado em Filologia Românica pela Universidade de Coimbra e doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Católica Portuguesa. Foi Metodólogo (Liceu D. João III), orientador pedagógico de Francês na Equipa de Apoio Pedagógico da Região Centro e Coordenador da mesma equipa. Foi consultor da UNICEF para a Educação em Angola e São Tomé, Diretor Regional de Educação do Centro e Diretor da área da Educação da Fundação Bissaya-Barreto. Docente e colaborador da Universidade Católica Portuguesa desde 1999, coordenou vários cursos de Mestrado e Doutoramento em Ciências da Educação. Na área da Surdez, foi gestor e responsável pela remodelação do Instituto de Surdos Mudos de Bencanta (Fundação Bissaya-Barreto, Coimbra), coordenador e coautor do Programa de Português L2 para Alunos Surdos (Ministério da Educação). É também autor de vários livros e artigos na área das Ciências da Educação, nomeadamente no domínio da Audição e Surdez. Atualmente aposentado, é ainda docente da Licenciatura e Mestrado em Ensino da Língua Gestual Portuguesa, no Instituto de Ciências da Saúde, da Universidade Católica Portuguesa-Lisboa.

Destaque para as últimas obras na área da Educação Especial e Educação de Surdos:

2008. *Os surdos na escola. A exclusão pela inclusão.*

2011. *Programa de Português Língua Segunda para Alunos Surdos. Ensinos Básico e Secundário.* Lisboa:

Ministério da Educação/Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

2011. *Introdução às Ciências da Educação: Temas e Problemas da Educação Inclusiva.* Universidade Católica Editora, PRO_LGP. 2011. “Inclusão e Desenvolvimento. A face oculta da Exclusão Escolar”, in *Gestão e Desenvolvimento.* Universidade Católica Portuguesa. 2016. “A Pátria dos Surdos”. UCP/Instituto de Ciências da Saúde.

Sinopse

Ignorância, crueldade, interesses perversos são obstáculos que ao longo dos séculos se atravessaram na educação dos surdos e os condenaram à marginalização, à exclusão e ao insucesso.

A investigação científica demoliu estas barreiras, mas as políticas da educação ainda não assimilaram esta mudança. Persistem a ignorância de muitos pais e decisores políticos e persistem interesses que não são os dos surdos. A economia fala sempre mais alto que a educação.

Apesar destes obstáculos, muitos surdos em todo o mundo, incluindo Portugal, já conseguiram desbravar caminhos e atingir os mais elevados níveis académicos e profissionais, graças, sobretudo, à descoberta e difusão das línguas gestuais, as línguas naturais dos surdos que, tímida e lentamente, vão entrando nas escolas e na educação.

Importa prosseguir na identificação dos problemas e na criação de condições para os superar na sua dimensão universal, eliminando os fatores de exclusão que se levantam ainda ao nível da legislação e que impedem as escolas e outras organizações de apoio ao funcionamento em todo o território.

O atual debate promovido pelo governo na área da educação, que aponta para o eclipse da educação especial submersa na nuvem mais ampla e obscura da inclusão, mostra uma profunda fratura que separa os investigadores, os políticos e os profissionais da educação.

Ao contrário de outros países, onde a educação especial e as necessidades educativas especiais continuam no cerne de um subsistema do sistema educativo, que é simultaneamente uma área de investigação e a primeira de formação especializada. A proposta de alteração do DL 3/2008 enterra o quadro linguístico e o aparelho conceitual da educação especial e substitui as pessoas por medidas.

Os surdos educados têm orgulho da sua identidade, da sua língua e da sua cultura, mas o legislador parece confundir o uso de palavras humilhantes ou vexatórias (anormais, idiotas, imbecis, atrasados mentais), que a história foi eliminando do vocabulário da escola, com o uso de palavras neutras, comuns, sem qualquer sentido pejorativo. A palavra “surdo”, por exemplo, nunca aparece no texto da referida proposta, preferindo omiti-la e ignorá-la no lote das “medidas adicionais”, que abrange toda a área das deficiências físicas e mentais, como se todas fossem iguais.

Os surdos não precisam de “medidas adicionais”, precisam de “medidas alternativas”, a começar por uma escola que fale a sua língua e de profissionais bilingues que assegurem o direito a uma educação em perfeitas condições de igualdade com os ouvintes.

Equidade e inclusão não é educar todos juntos quando as diferenças são incompatíveis, quando a língua não é um fator de aproximação, mas de exclusão. Os surdos têm direito a uma escola em pé de igualdade com os ouvintes. Que ainda não têm.

Novas Perspetivas de Educação Bilingue de Alunos Surdos

Preletor: Paulo Vaz de Carvalho | Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira - Casa Pia de Lisboa | Universidade Católica Portuguesa | ESE de Setúbal

Nota Curricular

Paulo Vaz de Carvalho é licenciado em História pela Universidade Lusíada e tem dinamizado várias formações em Língua Gestual Portuguesa (LGP) desde o início dos anos 90. Realizou o curso de especialização em educação e ensino de crianças e jovens surdos e o Mestrado em Ciências da Educação, área de especialização: Educação, Comunicação e Linguagem, na Universidade Nova de Lisboa. Em 2007, publicou o livro “Breve História dos Surdos no Mundo e em Portugal”. Publicou os manuais de História da Educação de Surdos I; História da Educação de Surdos II e Estudos Surdos I da Licenciatura PRO-LGP da Universidade Católica Portuguesa (UCP) entre 2010 e 2012. Em 2013 publicou o livro “A Herança do Abade de L’Épée na viragem do século XVIII para o século XIX”. Em 2016 doutorou-se em Ciências da Saúde- Linguística da Língua Gestual Portuguesa, na Universidade Católica Portuguesa. É coordenador da Unidade de Investigação do Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira responsável pela coordenação de diversos projetos nacionais e internacionais. Desde criança contactou com crianças surdas já que a sua mãe foi professora de surdos. Participou, ainda, como orador em várias conferências, congressos e simpósios a nível nacional e internacional.

Sinopse

O presente trabalho fornece uma síntese do percurso da educação bilingue para alunos surdos, em Portugal, desde a sua génese à sua implementação e aperfeiçoamento. Inicialmente efetuar-se-á um breve resumo sobre a história da educação de surdos, em Portugal, desde a fundação do primeiro instituto de surdos-mudos em 1823 pelo professor sueco Per Aron Borg até ao século XXI em que se destacarão as principais metodologias utilizadas neste tipo de educação. Este artigo centra-se essencialmente na história do primeiro instituto de surdos português, o Instituto Jacob Rodrigues Pereira, não deixando, contudo, de salientar os vários marcos importantes que surgiram fora desta instituição e que contribuíram inequivocamente para o desenvolvimento da educação de surdos no nosso país. Por último, elaborar-se-á uma reflexão acerca dos sucessos e insucessos atingidos por este modelo de educação ao longo dos anos, efetuando várias propostas para que a educação bilingue de alunos surdos seja definitivamente uma realidade, em Portugal.

Moderadora: Sara Relvas | Instituto para a Qualificação, IP-RAM

O Ensino de Português a Surdos

Preletora: Marta Morgado - Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira - Casa Pia de Lisboa

Nota Curricular

Marta Morgado é licenciada em Educação de Infância, especializada em LGP e Surdez e mestre em Educação de Surdos e Língua Gestual Portuguesa na Universidade

Católica Portuguesa. Lecionou no ensino superior, nas licenciaturas de Educação de Infância para Apoio à Educação Bilingue da Criança Surda, de Terapia da Fala e de LGP, nos mestrados de interpretação em LGP e de LGP e Educação de Surdos. É docente no Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira da Casa Pia de Lisboa, desde 1997. Coautora do filme documentário "LGP - 10 anos de reconhecimento, 1997-2007", do "Dicionário Escolar de Língua Gestual Guineense", de " Os meus primeiros gestos ", dos manuais bilingues "A turma do Dinis" e "A turma do Jonas" (para Cabo Verde) e do "Programa Curricular de LGP, como primeira língua para alunos surdos, da primeira infância ao ensino secundário". É autora dos livros infantis "Mamadu, o herói surdo", "Sou Asas" e "Luanda Lua". É igualmente cofundadora da editora Surd'Universo.

Sinopse

O ensino da língua portuguesa como segunda língua (LP2) a alunos surdos está previsto no Despacho 7520/98 e, mais formalmente, no Decreto-Lei 3/2008. No entanto, o programa curricular para o ensino básico e secundário, em conformidade com a educação bilingue preconizada por lei, só foi homologado pelo Ministério de Educação em 2011.

Apesar deste esforço, a língua portuguesa continua a ser a área disciplinar em que os alunos surdos apresentam maiores dificuldades, sendo que as especificidades da sua escrita podem legitimar-se a partir das características da língua gestual. Torna-se, por isso, fundamental dotar os docentes de metodologias específicas para aprendentes visuais, ainda que esta área de conhecimento não seja

abordada na formação inicial de professores, nem tampouco na especialização no domínio da surdez.

O único material didático que existe especificamente para o ensino da LP2 a surdos é “A turma do Dinis”. É, assim, importante, perceber no que este manual se baseia - que tipos de textos são aconselhados, que tipos de exercícios favorecem a aprendizagem da LP2 e como se trabalha a progressão da competência linguística na leitura e escrita dos alunos surdos.

DivertidaMente (Gestual) - uma ideia a replicar

Preletores: Dalila Freitas | Paulo Filipe | Escola de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos - EB1/PE/Creche Prof. Eleutério de Aguiar

Notas Curriculares

Dalila Freitas, docente especializada na área da audição/surdez, com formação em LGP e com experiência no Ensino Bilingue de Alunos Surdos. Coordena o Ensino Bilingue na EB1/PE/Creche Prof. Eleutério Aguiar, através da Divisão de Acompanhamento à Surdez e Cegueira, colabora ainda com as escolas do Porto Santo nesta área e integra o grupo de trabalho de monitorização dos Alunos Surdos da RAM.

Paulo Miguel Moreira Filipe possui uma licenciatura em professores de 1.º e 2.º ciclos, variante de Português e Inglês leciona na EB1/PE/Creche Prof. Eleutério de Aguiar, as disciplinas de Inglês e Tecnologias de informação e Comunicação. Possui competências formativas nas áreas de LGP e de Multimédia e coordena atualmente o Centro de Recursos Eleutério de Aguiar (CREA) no qual são produzidos materiais didáticos, conjuntamente com a equipa multidisciplinar.

Sinopse

A EB1/PE/Creche Prof. Eleutério Aguiar, Escola de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos (EREBAS), surgiu pela aplicação do Decreto Legislativo Regional n.º 33/2009 o qual prevê a criação desta modalidade de escolas de referência. A criação desta escola é considerada um marco importante na educação de alunos surdos pelo facto de lhes facultar a oportunidade em comunicar e crescer nas duas línguas: a língua gestual portuguesa como a língua natural e a língua portuguesa escrita e se possível falada como segunda língua.

Ser a única EREBAS na RAM para aqueles níveis de ensino, torna-a proativa e impulsionadora do ensino bilingue. Progressivamente, tornou-se mais visível a cultura surda através de várias demonstrações. Neste âmbito, a língua gestual assume um carácter “vinculativo” para toda a comunidade educativa.

A EREBAS Eleutério Aguiar é constituída por uma equipa pedagógica multidisciplinar especializada, com docentes de LGP, docentes surdos e ouvintes, intérpretes de LGP, terapeuta da fala e docente de tecnologias da informação os quais potenciam o trabalho cooperativo e de parceria entre si. Pelo facto, foi possível a esta EREBAS constituir-se como centro de produção de meios e recursos educativos para o processo de ensino e de aprendizagem, essenciais à modalidade de ensino bilingue dos alunos surdos surgindo assim o Centro de Recursos Eleutério Aguiar - CREA.

Ao longo destes seis anos, têm sido criados materiais multimédia bilingues que incidem sobre: os conteúdos dos domínios temáticos do programa de português como segunda língua, a leitura, a escrita, histórias,

filmes, canções, matemática... e muito divertidamente sobre a “*DivertidaMente*”.

Moderador: Paulo Vaz de Carvalho | Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira - Casa Pia de Lisboa e Universidade Católica Portuguesa.

O Ensino da Língua Gestual Portuguesa a Surdos e a Ouvintes

Preletora: Mariana Martins | Associação Portuguesa de Surdos

Nota Curricular

Mariana Martins é licenciada em Linguística, pós-graduada em Educação de Crianças e Jovens Surdos, mestre em Educação de Surdos e Língua Gestual Portuguesa (LGP). É ainda mestre no Ensino do Português e das Línguas Clássicas. Lecionou Linguística no ensino superior, nas licenciaturas de Audiologia, de Terapia da Fala e de LGP, no mestrado de LGP e Educação de Surdos e na formação profissional de Formadores de LGP. Dá formação contínua a docentes de LGP e professores de surdos. Ensina língua portuguesa como segunda língua a adultos surdos na Associação Portuguesa de Surdos. Coautora da coleção “+LGP - materiais de apoio ao ensino da LGP, aCasa, oCorpo e oMundo”, do filme documentário “LGP - 10 anos de reconhecimento, 1997-2007”, do “Dicionário Escolar de Língua Gestual Guineense”, do “Gestuário Digital” e do “Programa Curricular de LGP, como primeira língua para alunos surdos, da primeira infância ao ensino secundário”. É ainda cofundadora da editora Surd’Universo.

Sinopse

O ensino de LGP a ouvintes iniciou na década de 1980 na Associação Portuguesa de Surdos (APS) a professores e técnicos, que trabalhavam com surdos, e depois a intérpretes de LGP. Nessa altura, já os adultos surdos tinham começado a ser admitidos nas escolas de surdos para apoiar os professores ouvintes na transmissão dos conteúdos a estes alunos.

Uma vez que as suas funções eram na prática de docência da LGP, investiu-se na sua formação profissional, primeiro na APS e mais tarde na Associação de Surdos do Porto, que tinham também a seu cargo a formação profissional dos intérpretes de LGP.

Na legislação, o Despacho 7520/98 destaca o papel dos então formadores de LGP e a aprendizagem da mesma como primeira língua por alunos surdos. Dez anos depois, o Decreto-Lei 3/2008 reforça a sua importância fazendo agora menção aos docentes de LGP. Nesse mesmo ano, é homologado o programa curricular de LGP como primeira língua para alunos surdos da primeira infância ao ensino secundário.

Infelizmente, o ensino da LGP a ouvintes não tem sido devidamente regulamentado, existindo apenas a adaptação do Quadro Europeu Comum de Referência para a LGP, pela APS, sem qualquer eco a nível nacional.

Impactos da Língua Gestual no Desenvolvimento das Crianças Surdas

Preletora: Maria Helena Alves | Núcleo de Língua Gestual Portuguesa / Instituto Nacional para a Reabilitação

Nota Curricular

Maria Helena Regêncio Alves, 59 anos, licenciada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da

Educação (1981), acompanha a educação, formação profissional, emprego e vida associativa das pessoas surdas em Portugal, desde 1979. Entre 1989 e 1996, coordenou Unidades Executivas do Programa AMLLis (programa de formação profissional e emprego dirigido a pessoas surdas da zona de Lisboa), no Instituto Jacob Rodrigues Pereira, da Casa Pia de Lisboa e na Associação Portuguesa de Surdos. Entre 1996 e 2008, exerceu funções de técnica superior no Instituto de Emprego e Formação Profissional, ao nível das políticas de formação e emprego de pessoas com deficiência. Em 1997, integrou a Comissão para o Reconhecimento e Proteção da Língua Gestual Portuguesa - constituída por um grupo de técnicos, professores e famílias e pessoas surdas, que durante o ano de 1997 se mobilizaram para o reconhecimento oficial da Língua Gestual Portuguesa, garantido com a introdução da alínea h) no artigo 74.º (Ensino), pela 4.ª Revisão Constitucional da Constituição da República Portuguesa, setembro de 1997. De 2008 a 2012, exerceu funções no Centro de Novas Oportunidades da Casa Pia de Lisboa, intervindo junto de pessoas surdas, cegas e surdocegas. Desde 2012, exerce funções de técnica superior no Instituto Nacional para a Reabilitação, I. P., integrando atualmente a UIFD - Unidade de Investigação, Formação e Desenvolvimento, onde é, desde janeiro de 2014, coordenadora do Núcleo para a Língua Gestual Portuguesa (criado pelo Despacho 15586/2013, de 28 de novembro). Tem mantido atividade na área da sensibilização e da formação em temáticas relacionadas com a deficiência e reabilitação (conceitos, modelos e práticas), sobre instrumentos de defesa dos seus direitos (nomeadamente a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência) e intervindo como conferencista em temas ligados às pessoas surdas. É

assistente convidada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, ISPA, desde 1996, onde também orienta trabalhos de investigação sobre temáticas relacionadas com as Pessoas Surdas; desde 2006, leciona a disciplina de Língua Gestual Portuguesa, que passou a incluir o currículo do Mestrado Integrado de Psicologia no ISPA.

Sinopse

A educação das Pessoas Surdas em Portugal até meados da década de 90 centrava-se exclusivamente em metodologias oralistas de “reabilitação auditiva”, que proibiam a utilização de “gestos”, por considerá-los icónicos, concretos e limitadores do desenvolvimento do pensamento abstrato.

Simultaneamente à repressão e proibição da língua natural dos Surdos, a Língua Gestual, também a História da Comunidade Surda era curiosamente, feita de silêncios: silêncio sobre a opressão, de que é expoente máximo o fatídico Congresso de Milão de 1880 ao abolir as Línguas Gestuais da educação dos Surdos em prol do método oral puro; silêncio sobre as expressões artísticas e culturais dos surdos; silêncio sobre o sofrimento psíquico dos Surdos e suas famílias. Esta situação gerou défices ao nível do desenvolvimento de todo um potencial humano de gerações de Pessoas Surdas, quer no que se refere ao desenvolvimento psicológico, com consequências ao nível da organização do pensamento, da linguagem e da inteligência, sobretudo ao nível da identidade, quer a nível social gerando um baixo estatuto económico e social, a par de um isolamento linguístico, social e cultural destes cidadãos.

“Da minha primeira infância, as recordações são estranhas. Um caos na minha cabeça, uma sequência de imagens sem relação entre si, como sequências de um filme contadas

umas atrás das outras, com longas tiras negras, grandes espaços perdidos.

Entre os zero e os sete anos, a minha vida está cheia de lacunas. Só tenho recordações visuais. Como flashbacks, imagens de que ignoro a cronologia. Creio que não havia rigorosamente nada no meu cérebro durante esse período.

Ainda não consigo pôr datas nesse período de zero a sete anos.

Ignoro sinceramente como consegui desembaraçar-me durante aquele período em que vivi mergulhada entre a ausência de linguagem, a solidão e o muro de silêncio.”

Emmanuelle Laborit, in O Grito da Gaivota

O reconhecimento e proteção da Língua Gestual Portuguesa na 4.ª Revisão da Constituição da República Portuguesa, em setembro de 1997, na sequência, aliás, de orientações emanadas por diversas organizações internacionais, alteraram as práticas rumo a uma educação bilingue e bicultural.

Hoje e duas décadas após o reconhecimento da Língua Gestual Portuguesa, a educação das crianças surdas enquadra-se em Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos, onde lhes é possibilitada a aquisição e desenvolvimento da Língua Gestual Portuguesa, como primeira língua, do português escrito e, eventualmente falado, como segunda língua dos alunos surdos.

A investigação que, sobretudo na última década se tem feito, recomenda que todas crianças surdas (com ou sem implante coclear) aprendam a comunicar em língua gestual o mais precocemente possível, de forma a maximizar o seu desenvolvimento cognitivo e futuras aprendizagens sociais e académicas.

Reconhece-se, hoje, que os melhores ambientes educativos para as crianças surdas são ambientes bilingues e mesmo multilingues, que defendam a sua

identidade linguística e cultural, respeitem a diversidade da sua experiência e escolha e que maximizem as suas aprendizagens linguísticas, académicas, sociais, o que a longo termo reverte em resultados económicos e no acesso a uma plena cidadania.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada e ratificada por Portugal em 2009, encoraja a aprendizagem da língua gestual na educação das crianças surdas, bem como a promoção da identidade linguística da comunidade surda (artigo 24.º).

A Federação Mundial de Surdos, representativa de associações de surdos de 132 nações, afirma a necessidade das crianças surdas terem pleno acesso a uma educação de qualidade na sua língua gestual nacional, independentemente de qualquer dispositivo auditivo que usem. As práticas e resultados de pesquisa e investigação sobre aquisição e desenvolvimento de linguagem evidenciam que é crítico para as crianças surdas terem acesso a uma linguagem visual que lhes proporcione o desenvolvimento cognitivo, organização do pensamento e desenvolvimento da linguagem, com efeitos positivos no crescimento e na saúde mental e maximizando o seu pleno potencial humano.

“Aos sete anos, eu falava, mas dizia uma coisa qualquer. Com os gestos comecei a falar muito melhor. O francês oral já não era uma obrigação; por isso, psicologicamente tornava-se mais fácil de aceitar. Em seguida tive acesso a informações importantes: os conceitos, a reflexão. A escrita tornou-se mais simples e a leitura também. Fiz tais progressos que considero uma injustiça privar uma criança de ter essa oportunidade. Não se deve pensar que é forçoso uma criança falar para saber ler e escrever. Eu, quando estou a ler um romance, associo instintivamente o gesto à palavra que

estou a ler. E seguidamente leio com mais facilidade nos lábios de quem a pronuncia. A minha memória visual associa mesmo na perfeição a ortografia francesa. Uma palavra é uma imagem, um símbolo. Quando me ensinaram “ontem” e “amanhã” em língua gestual, quando aprendi o sentido, passei a verbalizar com muito mais facilidade, a escrever com muito mais facilidade!”

Emmanuelle Laborit, in O Grito da Gaivota

Moderador: Jorge Morgado | Inspeção Regional de Educação

A Língua Gestual Portuguesa na Região Autónoma da Madeira

Preletores: Fernanda Reis e Joana Vieira, em representação do Grupo de Professores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa | Secretaria Regional de Educação

Notas Curriculares

Grupo de Professores de LGP

Maria Fernanda Perestrelo dos Reis, docente Surda, realizou o Curso de formação profissional de Língua Gestual Portuguesa, na Associação Portuguesa de Surdos, entre 1999 e 2001. Em Lisboa frequentou a Universidade Católica Portuguesa - Instituto de Ciências da Saúde entre 2010 e 2013, onde concluiu a Licenciatura de Língua Gestual Portuguesa. Em 2002, iniciou a sua atividade profissional como Formadora de LGP, no Serviço de Técnico de Educação de Deficientes Auditivos e, mais tarde, na Escola de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos (EREBAS) da EB1/PE/Creche Prof. Eleutério de Aguiar. Presentemente exerce a docência de LGP, na referida

Escola de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos, da SRE, onde intervém sobretudo com crianças surdas às quais ensina a utilizar as mãos como meio de comunicação. É ainda Vice-presidente da Associação de Surdos, Pais, Família e Amigos, da Madeira.

Márcia Cristina Franco Henriques tirou o curso de formação profissional de Língua Gestual Portuguesa, na Associação Portuguesa de Surdos, entre 1999 e 2001. Em Lisboa frequentou a Universidade Católica Portuguesa - Instituto de Ciências da Saúde entre 2010 e 2013, onde concluiu a Licenciatura de Língua Gestual Portuguesa. Em 2005, inicia a sua atividade profissional como Formadora de LGP, no Serviço de Técnico de Educação de Deficientes Auditivos e, mais tarde, na Escola de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos EB1/PE Prof. Eleutério de Aguiar. Exerce funções como docente na Secretaria de Educação, mais propriamente na EB1/PE/Creche Prof. Eleutério de Aguiar.

Fátima Carina Correia possui Licenciatura em Língua Gestual Portuguesa - Via Lecionação, concluída em 2010. É docente de LGP na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros, desde o ano letivo 2010/2011, tendo já lecionado nas três Escolas de Referência para o Ensino Bilingue de Alunos Surdos da Região. No presente ano letivo leciona na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros e, também, na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva.

Ana Sofia Carvalho Paiva, natural do Porto, concluiu a Licenciatura em Língua Gestual Portuguesa na Escola Superior de Educação de Coimbra no ano 2010. Em 2011, iniciou as suas funções na Secretaria Regional de Educação, a lecionar LGP na Escola Secundária de

Francisco Franco, dando também formação a professores das escolas da RAM. Atualmente, leciona na EB1/PE/Creche Prof. Eleutério de Aguiar. É colaboradora, desde 2012, e membro da Direção da Associação de Surdos, Pais, Familiares e Amigos da Madeira, desde 2014. Participou no teatro inclusivo "IMAGINE", fazendo parte do elenco. Este projeto esteve integrado no Núcleo de Inclusão pela Arte (NIA) da Direção Regional de Educação, com Interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

Pedro Ribeiro é licenciado em Língua Gestual Portuguesa, pela Universidade Católica Portuguesa, onde concluiu a sua formação superior em 2013. Enquanto docente de LGP, especializado em surdocegueira, passou a exercer funções na Secretaria Regional de Educação. Lecionou na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros, no ano letivo 2015/2016. Nesse mesmo ano colaborou com os Centros de Recursos Educativos Especializados de Machico e Porto Santo. Presentemente leciona no Serviço Técnico de Formação Profissional, da Direção Regional de Educação, colaborando ainda com o Instituto para a Qualificação, na Escola Profissional Dr. Francisco Fernandes e no Centro de Formação Profissional, desde 2016/2017 e 2017/2018, no último caso.

Aldónio José Pires Pestana é formador e docente de Língua Gestual Portuguesa. Da sua formação académica destaca-se a Licenciatura de Língua Gestual Portuguesa - Ramo de Lecionação da Língua Gestual Portuguesa (2010-2013) e o Curso de Formação Profissional de Formadores de Língua Gestual Portuguesa (2005/2009). Tem desenvolvido a sua atividade profissional em várias escolas do país, designadamente: Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros, no Funchal, desde 2016 até à data, Agrupamento de Escolas Básicas Manuel Ferreira

Patrício, em Évora, entre 2014 e 2016, Escola de Básica e Secundária de Santa Maria, nos Açores, no ano letivo 2013/2014, Agrupamento de Escolas Básica Manuel Ferreira Patrício, em Évora, no ano letivo 2012/2013, Agrupamento de Escolas de Lamações, no ano letivo 2011-2012 e Agrupamento de Escolas n.º 2 de Portalegre, de 2009 a 2011.

Jorge Rodrigues é licenciado em Língua Gestual Portuguesa, pela Universidade Católica Portuguesa, tendo concluído a sua formação em 2013. Desde setembro de 2017, desenvolve a sua atividade na EB1/PE/Creche Prof. Eleutério de Aguiar, estando ainda a colaborar com o Centro de Recursos Educativos Especializados do Porto Santo. É Presidente da Associação Portuguesa de Surdos, desde janeiro de 2013.

Sinopse

A chegada do primeiro professor de Língua Gestual Portuguesa teve lugar em 2002. Desde então, os docentes de Língua Gestual Portuguesa têm desempenhado um papel fundamental enquanto promotores legítimos do ensino da língua gestual, junto dos alunos surdos, seus familiares, professores, outros profissionais e junto das comunidades surda e ouvinte. O percurso evolutivo do desenvolvimento da LGP na Região Autónoma da Madeira, com o acréscimo progressivo destes profissionais nas Escolas de Referência, conhecidas por EREBAS, bem como junto de outras escolas e serviços, profissionais, revela-se, no momento, um fator primordial no sucesso académico dos nossos alunos surdos.

Notas Curriculares

Grupo de Intérpretes de LGP

Joana Cristina Vieira é licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa (2010), pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Exerce funções como Intérprete de Língua Gestual Portuguesa na Secretaria Regional de Educação, desde 2010, mais especificamente na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros, até à presente data. Exerce, atualmente, as mesmas funções na empresa RTP Madeira, no serviço informativo “Telejornal”, tendo antes passado pelas “Notícias das 14h” e “Notícias das 19h”, desde 2010. Cumulativamente, conta com experiência noutros contextos, tais como: palestras/congressos, tribunais, eucaristia, teatros, entre outros.

Maria Garrido é licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa (2007-2010), pela Escola Superior de Educação do Porto. Inicia o exercício da sua profissão em setembro de 2010, até à presente data, na Secretaria Regional de Educação - de 2010 a 2017 na Escola Secundária de Francisco Franco e, no presente ano letivo, na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros. Em 2010 inicia, também, o seu percurso em contexto televisivo, que se mantém até à data. Possui experiência em diversos contextos: tribunal, eucaristia, palestras/congressos, teatros, entre outros.

Débora Silva é licenciada em Língua Gestual Portuguesa - Ramo Interpretação (2010-2013). Desde o ano letivo 2013/14, desenvolve a sua atividade profissional na Secretaria Regional de Educação, primeiro através de estágio profissional, posteriormente e até à data, nas várias Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos da RAM.

Débora Freitas é licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (2011). Em 2016 concluiu o Mestrado em Educação Especial, pela Escola Superior de Coimbra do Instituto Politécnico de Coimbra. Desenvolve a sua atividade profissional na Secretaria Regional de Educação, desde o ano letivo 2015/2016, tendo exercido funções na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros e na EB1/PE/Creche Prof. Eleutério de Aguiar.

Ana Catarina Quintal é licenciada em Língua Gestual Portuguesa - Ramo de Interpretação da Língua Gestual Portuguesa (2014), pela Escola Superior de Educação de Coimbra e pós-graduada em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos pelo Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa (2016). Efetuou um programa de Estágio Profissional como Intérprete de Língua Gestual Portuguesa, através do Instituto de Emprego da Madeira, na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros, no ano letivo 2014/2015 e exerce funções na Secretaria Regional de Educação desde 2015. No corrente ano letivo está colocada na EB1/PE/Creche Prof. Eleutério de Aguiar, exercendo funções cumulativamente na Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva.

Carla Correia é licenciada em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa, pelo Instituto Politécnico de Setúbal (2015). Efetuou o Estágio Profissional na Direção Regional de Educação, da Secretaria Regional de Educação, onde exerce funções desde 2016. No presente ano letivo desenvolve a sua atividade profissional no Serviço Técnico de Formação Profissional.

Mónica Rodrigues é licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, pelo Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação (2015). Iniciou a sua atividade profissional na Secretaria Regional de Educação, no ano letivo 2016/2017, na Escola Profissional Dr. Francisco Fernandes, onde presentemente continua a colaborar.

Beatriz Sousa é licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, pela Escola Superior da Educação de Coimbra (2016). Atualmente está a realizar um programa de Estágio Profissional, como Intérprete de Língua Gestual Portuguesa, através do Instituto de Emprego da Madeira, na Direção Regional de Educação. Tem estado a colaborar com várias escolas com alunos surdos: EB1/PE/Creche Prof. Eleutério de Aguiar, Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros, Escola Básica e Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva.

Sinopse

Os intérpretes de Língua Gestual Portuguesa são a ponte de comunicação entre o mundo dos surdos e dos ouvintes.

A introdução deste agente na comunidade surda madeirense tornou-se premente a partir do ano de 2010, com a premência de dotar esta comunidade com ferramentas inclusivas, assim como, com a definição de um plano que permitisse garantir a igualdade no acesso ao ensino e na aquisição de conhecimento em contexto escolar.

O papel do intérprete no apoio à pessoa surda é transversal aos mais variados contextos sociais, nomeadamente, ao apoio legal, administrativo, cultural e constitui-se, também, como facilitador nas relações interpessoais entre indivíduos dotados de línguas maternas distintas.

Pretende-se com este painel enquadrar a atuação dos intérpretes na Comunidade Surda madeirense, bem como os diversos contextos de intervenção.

O Papel das Associações de Surdos na Promoção da Língua Gestual Portuguesa

João Alberto Ferreira | Professor de Língua Gestual Portuguesa

Alberto Nunes | Pai de uma jovem surda

Notas Curriculares

João Alberto Ferreira adquiriu formação em Técnicas e Métodos de Ensino e Investigação Técnico- Científicas das Línguas Gestuais, pela Universidade de Gallaudet, Washington D.C., EUA, em 1981 e pela Universidade de Copenhaga, Dinamarca, em 1994. Fez formação na área da Linguística, Comunidade Surda e a sua Cultura, no Centro de Comunicação Total, em Copenhaga, Dinamarca, em janeiro de 1995. Desde 1983, colaborou em trabalhos de investigação técnico-científica da Língua Gestual Portuguesa. Participou nos trabalhos do livro “Mãos que falam”, publicado pelo Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1979. Foi Presidente da Direção Central da Associação Portuguesa de Surdos, mandatos de 1989 a 1991 e de 2000 a 2009. Foi cofundador da Federação Portuguesa das Associações de Surdos. Foi fundador do Grupo Desportivo da Associação Portuguesa de Surdos. Foi delegado do Comité Internacional de Desportos para Surdos (C.I.D.S.), de 1988 a 1990. Participou da Comissão Organizadora dos 1.º e 2.º Jogos Nacionais para Surdos, em 1993 e 1995. É formador de Língua Gestual Portuguesa desde 1982, em ações de formação dirigidas a famílias de crianças surdas, professores, educadores, enfermeiros, psicólogos e outros técnicos,

no Secretariado Nacional de Reabilitação, no ISPA, Escolas de Enfermagem, Escola Superior de Educação de Setúbal, Faculdade de Letras, IIEP, entre outros locais. Exerceu atividade docente no ISPA, de ensino da Língua Gestual Portuguesa no Departamento de Formação Permanente, desde 1996, na Licenciatura em Reabilitação e Inserção Social, entre 1999 e 2006, com um Seminário Temático “Língua Gestual Portuguesa I e II (2.º e 3.º ano). Frequentou Seminários, Conferências, Congressos, Simpósios, enquanto delegado e participante, em Portugal e no estrangeiro em temáticas sobre a Língua Gestual Portuguesa e a Comunidade Surda Portuguesa. Desenvolveu atividade profissional durante 27 anos como profissional especialista da área de Artes Gráficas, tendo trabalhado na Selegrafe, Litografia Amorim, Sociedade Tipografia, Dimencor e, como sócio-gerente na Gamma Quatro.

Alberto Calado Nunes deixou numa primeira fase os estudos do secundário, aos 20 anos, e iniciou algumas experiências profissionais durante 12 anos, em diversas áreas (treino desportivo, escritório e restauração). Após estas diversas experiências profissionais, terminou o 12.º ano de escolaridade e entrou na Universidade da Madeira, em 1995/1996 no curso de Engenharia de Sistemas e Computação (9 cadeiras), e em 1997/1998 mudou de curso para a Licenciatura em Ensino de Informática (28 cadeiras), onde permaneceu até 2005/2006. Durante os anos do curso, lecionou aulas de Informática ao 2.º e 3.º ciclo e ainda ao ensino secundário, a todos os níveis de ensino, em duas escolas do Funchal (Galeão e Jaime Moniz). Posteriormente, investiu na formação de treinadores de Andebol onde atingiu o grau 3. Enquanto treinador foi cinco vezes campeão nacional em seniores femininos, com sete taças de Portugal e 8 supertaças, com diversas

participações a nível das competições europeias. Ao longo dos anos participou em inúmeros seminários, conferências e colóquios. Em 2002 assumiu a presidência da comissão instaladora da Associação de Pais Familiares e Amigos dos Deficientes Auditivos da Madeira, que em 2011 se passou a designar de Associação de Surdos, Pais, Familiares e Amigos, da Madeira, da qual é Presidente desde 2008 e aí, sim, considera ter assistido a uma transformação completa da sua vida. Razão pela qual inclui a sua participação, como preletor desta iniciativa - enquanto pai Alberto, pai de uma jovem surda, como muitos o reconhecem.

Sinopse

As Associações de Surdos, em representação das Pessoas Surdas e suas famílias, têm vindo a ganhar um **espaço cada vez mais ativo junto do poder político**, na sociedade e na comunicação social, na defesa dos interesses e direitos dos seus associados.

As Associações de Surdos têm-se assumido como **espaço de uma cultura**, de um modo de estar junto (com a sua vivência associativa), de um modo de expressão (com a língua gestual), com as suas formas artísticas (com a mímica, teatro, poesia), com a sua prática desportiva, para as pessoas surdas, mas também como espaço de informação e aconselhamento/orientação sobre serviços acessíveis a pessoas surdas.

As Associações de Surdos têm-se assumido também como **espaços de interajuda**, criando a possibilidade de jovens se confrontarem com modelos positivos de adultos surdos, ao criar círculos de debate de ideias, de resolução de dúvidas, de apoio à informação complementar sobre vivências quotidianas, que favorecem a identidade pessoal. Estes espaços surgem

muitas vezes, como compensação a uma comunicação restrita na família, ao permitir a expressão e análise de sentimentos contraditórios aos defendidos pela família, um espaço para os expressar, o contacto com opiniões diferentes sobre aspetos como a sexualidade, a política, arte, cinema, etc. Normalmente, estes espaços são liderados por um ou dois surdos cujas características pessoais são modelo de reforço à autoestima e de identificação à cultura e à comunidade surda.

As Associações de Surdos são também **espaços de formação** privilegiados, no ensino da Língua Gestual a pessoas ouvintes interessadas, técnicos e familiares de pessoas surdas, ao proporcionar-lhes a emersão num ambiente linguístico e cultural próprio.

As Associações de Surdos, cada vez mais se assumem como um **espaço de referência**, para pessoas surdas e ouvintes, de encontro e vida associativa para as pessoas surdas, como **espaço de pertença**, de cultura, de partilha de uma mesma visão do mundo.

Moderadora: Susana Vieira Spínola | Divisão de Acompanhamento à Surdez e Cegueira | Direção Regional de Educação

Mesa Redonda: À Conversa com as Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos e Outras Escolas, da Região Autónoma da Madeira

Intervenientes: Ana Isabel Monteiro, Gilberta Camacho e Cristóvão Pereira | Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Aluno Surdos da RAM

Notas Curriculares

Ana Isabel Mota Barreira Sepúlveda Monteiro é Mestre em Psicologia da Educação, pela Universidade da Madeira (2010-2012), com um trabalho de Investigação em Projeto de Orientação Vocacional para Jovens Surdos e dissertação em Avaliação da Eficácia do Modelo Bilingue na Educação dos Alunos Surdos. Autora de artigos científicos publicados em revistas científicas nacionais e internacionais. Licenciada em Educação Especial e Problemas Graves, na área Mental e Auditiva, pela Universidade do Porto (2002-2004) e Bacharelato em Educação de Infância, pela Universidade da Madeira (1991-1994). Relativamente à sua atividade profissional destaca-se: Educadora de Infância (1994-2004); Educadora de Educação Especial (2004-2016), tendo exercido a atividade em vários estabelecimentos de educação públicos e privados, onde desempenhou cargos de direção; Titular de turma de Surdos - Currículo Funcional (2008 - 2011); Docente de Educação Especial Turma de Surdos 5.º ano (2011/2012); Formadora em escolas profissionais de ensino; Diretora da EB1/PE/Creche Prof. Eleutério de Aguiar - Escola de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos - desde 2012.

Gilberta Camacho, 53 anos, é licenciada em História pela Faculdade de Letras de Lisboa (1986) e possui o Diploma de Estudos Especializados em Administração Escolar pelo Instituto Superior de Educação e Trabalho (ISET) (2000). Integra o quadro de pessoal docente da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros desde 1990. Exerce funções como Presidente do Conselho Executivo da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros desde 1996, até à presente data.

António Cristóvão Pereira é Vice-presidente do Conselho Executivo da Escola Secundária de Francisco

Franco (área pedagógico-didática), desde novembro de 2013. Licenciado em Humanidades Clássicas pela Universidade Católica Portuguesa (1992), extensão de Braga, cidade onde também frequentou o ensino secundário. Mestre em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, também pela Universidade Católica Portuguesa (1998), extensão do Funchal, com a dissertação “A poética antropológica de Teixeira de Pascoaes”. No seu percurso enquanto professor, lecionou Português, Latim e Grego e passou pelas seguintes escolas: Martins Sarmiento (Guimarães), Jaime Moniz, APEL e Francisco Franco (Funchal).

Sinopse

Os três intervenientes reportam a sua experiência relativamente à educação de surdos nas suas escolas, através de uma *Conversa*, na qual alguns elementos da plateia também são convidados a participar deste momento de partilha e reflexão, no que concerne a esta realidade educativa muito específica.

Moderadora: Glória Gonçalves | Direção de Serviços de Educação Especial / Direção Regional de Educação
